



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENTRE POLÍTICAS E A PRESENÇA AS TECNOLOGIAS NA APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DOCENTE

Elane Conceição da Silva Coutinho*
(UESC)

Naiane Silva Santos**
(UESC)

Maria Elizabete Souza Couto***
(UESC)

RESUMO

Este trabalho apresenta discussões sobre a formação de professores mediada pelas políticas de tecnologização nas escolas (TV Escola/DVD Escola), com o objetivo de identificar as condições relacionadas as vantagens, desvantagens dessa política. Trabalhamos com escolas da rede pública de Ilhéus e Itabuna que responderam a um questionário. Como vantagem, é considerada como “recurso” em sala de aula, material no processo educativo e formativo. Nas desvantagens enfatizaram a falta de apoio pedagógico e técnico, o sinal de transmissão não é bom, o desencontro entre os horários da programação, as aulas e os conteúdos que são trabalhados. Parece que ainda não se configuram como políticas de inclusão digital para a formação e aprendizagem, visto que não criaram condições para planejar um trabalho envolvendo a equipe administrativa, pedagógica e técnica com as tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente; Políticas públicas; Tecnologias.

*Bolsista de Iniciação Científica – FAPESB/UESC.

**Bolsista de Iniciação Científica – FAPESB/UESC.

***Professora do Departamento de Ciências da Educação – UESC.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta discussões e análises a partir de uma pesquisa realizada tendo como objeto de estudo a formação de professores mediada pelas políticas de tecnologização nas escolas, entre elas os Programas TV/DVD Escola, com o objetivo de identificar as condições relacionadas as vantagens, desvantagens dessa política na aprendizagem e formação docente, considerando que vivemos um momento de mudanças nos diversos setores da vida humana – família, escola, lazer, trabalho, etc. – tendo como ênfase o universo da tecnologias nas várias dimensões. E na escola, como fica a aprendizagem e a formação docente? As mudanças advindas com o surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação/TIC estão se configurando em políticas de inclusão digital na aprendizagem e formação docente?

A partir da década de 1990 o governo federal vem oferecendo um conjunto de políticas públicas para a formação de professores com o uso e suporte das TIC. Em 1991, O Salto para o Futuro, e na segunda parte da mesma década os programas foram intensificados: TV Escola (1996); PROINFO (1997); PROFORMAÇÃO (1999); Rádio Escola (2000). TV na Escola e os Desafios de Hoje (2000). E na década atual, DVD/Escola, PROINFO, Domínio Público, Biblioteca Digital, Portal do Professor, E-Tec Brasil, RIVED, Mídias na Educação, Webeduc, ProInfo Rural, TVPendrive etc. Programas concebidos com o objetivo de aperfeiçoar e valorizar os professores da rede pública, enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, melhorar a qualidade do ensino (Relatório TV Escola, 1996-2002, 2002), reduzir as taxas de evasão e repetência nas escolas (Revista TV Escola, 1996) e proporcionar a inclusão digital, diminuindo as distâncias e fortalecendo as condições de ensino e aprendizagem.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Entre os programas citados, o TV/DVD Escola propõe que a escola tenha autonomia para definir o tipo de capacitação e formação que deverá ser realizada com professores, além de gravar, organizar o acervo de fitas e utilizar essa programação na formação de professores, em serviço, e nas atividades pedagógicas. São destinados a educadores e alunos da educação básica, visando auxiliar no desenvolvimento profissional, no enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem, no incentivo a aproximação escola-comunidade, na democratização e na melhoria da qualidade de ensino. (Relatório da TV Escola -1996-2002, 2002). Os princípios dos referidos programas e, certamente, dos demais programas enfatizam (Relatório SEED, 2002):

- * Tecnologia a serviço da educação – aquisição de equipamentos, capacitação, produção de materiais de apoio e atividades para desenvolver o domínio crítico e criativo de novas linguagens e tecnologias;

- * Autonomia dos parceiros – oferta de programas que, embora transmitidos de um ponto central, permitem liberdade na forma de apropriação, de maneira a harmonizar parâmetros e diretrizes nacionais com a diversidade e o pluralismo das idéias, políticas, estratégicas e projetos pedagógicos dos sistemas e das escolas;

- * Integração entre parceiros – busca a otimização dos recursos públicos e o exercício de um regime de colaboração, respeitando a gestão democrática e a descentralização administrativa;

- * Integração entre os parceiros, e sempre que possível, a convergência entre diferentes tecnologias e linguagens, para que o uso harmônico e articulado dos múltiplos recursos facilite a interdisciplinaridade e a contextualização, dinamizando a sala de aula e contribua para a riqueza do processo educativo;



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

* A formação do leitor crítico, capaz de evitar a manipulação da mídia, de transformar informação em conhecimento e de ter autonomia para aprender ao longo da vida.

Dessa forma o avanço tecnológico vem suscitando um repensar da gestão da escola e, conseqüentemente, da formação docente. Desde os primórdios dos tempos já se valorizava o desenvolvimento das técnicas, e assim prevalece até os dias atuais. Algumas técnicas apresentam-se simples e, às vezes, complexas, porém o homem a cada dia adequa as tecnologias às necessidades, modernizando-as. Logo, a escola precisa acompanhar os avanços tecnológicos, aliando-as na formação de cidadãos críticos. (KENSKI, 2003).

A vida em sociedade apresenta-se de forma dinâmica, estão em constante mudança, assim a aprendizagem, no seu sentido amplo, acompanha o movimento social e tecnológico na sociedade. “Já não há um momento determinado em que qualquer pessoa possa dizer que não há mais o que aprender. Ao contrário, a sensação é a de que quanto mais se aprende mais há para estudar, para se atualizar” (KENSKI, 2007, p.41). Mas, parece-nos que ainda teremos desafios a enfrentar. Por mais que se diga que as tecnologias estão disponíveis a todos, com o crescente movimento da inclusão digital, políticas públicas para equipar as escolas etc., os programas ainda são caros, não sendo acessível a todos, a estrutura física das escolas não oferece condições para organizar espaços e planejar um trabalho pedagógico mediado com as TIC, a formação dos professores e a gestão da escola, muitas vezes, apresentam as suas fragilidades e não correspondem aos objetivos propostos nos referidos programas.

E na escola, espaço de formação de professores, a alfabetização passa a ser entendida para além da aprendizagem do código escrito, mas numa perspectiva de alfabetização e letramento digital para acompanhar o movimento e desenvolvimento da sociedade,



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

bem como lidar com as aprendizagens das tecnologias. Como nos diz Sampaio (1996, p.10),

Assim como, durante séculos a alfabetização tem sido fator de socialização, inserção no mundo e interpretação deste, hoje tornou-se cada vez mais importante uma alfabetização audiovisual (DEMARTINI, 1993), uma educação para a mídia (BELLONI, 1991), enfim uma alfabetização tecnológica para interpretação e ação crítica junto às novas tecnologias e formas de comunicação.

Hoje falamos de alfabetização digital. Com as exigências e o movimento de ir e vir da sociedade o conceito de alfabetização vem sendo modificado. Uma alfabetização para ler, escrever e interpretar símbolos, palavras, textos, informações no papel e nas telas. Para tal, a interpretação e a ação docente baseado numa concepção crítica são posturas que devem ser desenvolvidas, visto que constitui em uma das bases de conhecimento para o ensino no atual contexto das políticas públicas de formação de professores e da docência sobre a qual se poderá desenvolver uma ação efetiva, contextualização sem perder de vista a construção de conceitos e a aprendizagem de professores e alunos na escola.

Pensar nas tecnologias na escola, a partir da década de 1990, é seguir uma linha de pensamento que apresenta uma postura crítica, porque quando se pensa na presença e utilização das tecnologias no processo de ensinar e aprender – professores e alunos – essa formação deve buscar desenvolver uma cultura tecnológica que expresse não apenas um conhecimento da técnica (ligar, desligar, gravar, pesquisar, enviar arquivos etc), mas, principalmente, a construção do conhecimento por parte dos envolvidos, o que passa inicialmente por uma postura epistemológica, isto é, o professor como conhecedor do seu próprio conhecimento.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Não se trata de formação baseada na racionalidade técnica, na medida em que a presença e a utilização dos recursos tecnológicos na escola (TV/DVD, computador etc) não se colocam como finalidade do processo, mas como instrumentos-meios-recursos para o exercício da prática docente. Assim, a formação e a prática pedagógica mediada pela presença das tecnologias têm como objetivo a construção de um conhecimento que vai para além do simples domínio dos processos e instrumentos que estão à disposição dos professores na escola para facilitar a aprendizagem dos alunos.

Muitos e variados são os cursos de formação continuada destinados aos professores para aprender a trabalhar as tecnologias nas escolas, proporcionados pelo Ministério da Educação e Cultura/MEC, como no caso do curso a distância – TV na Escola e os desafios de hoje, como os cursos realizados pelo Núcleo de Tecnologia Educacional/NTE⁶⁷⁵ e outros seminários e cursos que professores participam. Mesmo assim, ainda há muito que se fazer para que as escolas possam construir uma proposta pedagógica mediada pelas tecnologias, principalmente no que se refere às necessidades dos professores e daquela escola de não centrar o processo de formação tão somente na utilização dos recursos técnicos. Segundo Pinto (2002), esta é uma tendência freqüente nas instituições, talvez porque os formadores ou responsáveis pelo processo formativo não tenham o cuidado de considerar que trabalhar com as tecnologias em sala de aula, com os alunos, é apenas parte de uma situação mais complexa, que é a construção de conceitos.

Do ponto de vista da formação de professores e pedagógico, é importante insistir na intencionalidade constitutiva do ensino, remetendo sempre para além dos

675O Núcleo de Tecnologia Educacional/NTE é uma estrutura descentralizada do PROINFO, especializada na área de telemática aplicada à educação, para capacitação de recursos humanos (professores e técnicos de suporte); suporte pedagógico e técnico nas escolas (elaboração de projetos de uso pedagógico da telemática e respectivo acompanhamento, suporte a professores e técnicos, etc.); e pesquisas (Relatório de Atividades/SEED- 2001, 2002).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

materiais (programas de TV, DVD, sites, jogos eletrônicos, etc.), para os sentidos da sua utilização, para a sua inscrição em um projeto educativo. “Assim, o contexto da sala de aula, o espaço do lúdico não se restringe a passatempo ou divertimento, ainda que possa não haver clareza acerca da inscrição dos materiais e das atividades em projetos educativos” (BARRETO, 2002, P.72). Entretanto, o que ainda se faz presente nas escolas é um repertório de instruções e técnicas de uso muito precisas, no que se refere ao aspecto técnico e pedagógico. Cursos de formação são preparados para amenizar as distorções dessas instruções, reforçando o caráter instrumental dessas políticas.

O desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa realizada é de caráter qualitativo, visto que pretendemos conhecer e “revelar a complexa rede de interações que constitui a experiência diária, mostrar como se estrutura a produção do conhecimento em sala de aula e a inter-relação entre as dimensões cultural, institucional e instrucional da prática pedagógica.” (ANDRÉ, 1995, p. 102).

Inicialmente solicitamos às DIREC (Diretoria Regional de Educação) e Secretarias de Educação a listagem das escolas públicas da educação básica nos municípios de Ilhéus e Itabuna, para organização e estruturação do trabalho.

Em seguida, elaboramos um questionário com o objetivo de identificar as condições relacionadas as vantagens, desvantagens dessa política na aprendizagem e formação docente, com a presença e utilização da Programação da TV Escola/DVD Escola na formação e prática pedagógica dos professores, visto que pretendemos revelar a “face oculta” das políticas públicas diante do que é propagado e o que é realizado nas escolas públicas nos municípios de Ilhéus e Itabuna.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Visitamos as escolas e tivemos como sujeitos da pesquisa: direção, vice-direção, assistente de direção, técnico administrativo, coordenadores, professores, secretárias e merendeira. As categorias de análises para estudos dos dados foram: formação de professores, políticas públicas e condições (vantagens e desvantagens) das políticas.

TV/DVD Escola na escola: revelando as condições

Estudar e pesquisas as políticas de formação de professores mediadas pelas tecnologias nas escolas parece fazer 'virar' ao avesso as condições de trabalho dos professores face aos investimentos realizados pelos governos federal, estadual e municipal. Verificamos que algumas escolas receberam o kit tecnológico (TV Escola) e, mais recentemente, o DVD Escola, ambos, financiados pelo Governo Federal, e outras conseguiram comprar os aparelhos com recursos advindos de outros Programas do Governo Federal e Estadual⁶⁷⁶ com o objetivo de ajudar na efetivação do trabalho pedagógico, melhorando a formação e a aprendizagem dos alunos (Relatório TV Escola, 1996-2002, 2002; Revista TV Escola, 1996).

A proposta da Programação TV Escola possibilita a seleção de filmes de acordo com o objeto de interesse na formação docente e prática pedagógica para utilização em sala de aula. Entretanto, mas não é assim que acontece nas escolas pesquisadas, conforme depoimentos:

676PDE, PDDE, PDE/PME, FAED, Projeto Bahia, Fundo Escola, FUNDEF, SEC, PNDE, FNDE, Projeto Alvorada, e outros (Doações, Sua nota é um show, Festival de Cachorro quente, Rifas, Bingos, Prefeitura Municipal e CEHAS (Centro de Humanização e Ação Social - uma ONG que apóia a E53, uma instituição filantrópica, contando apenas com recursos humanos (docência) da rede municipal de ensino).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- nunca houve um responsável para gravar, quando ocorria, no início, a coordenadora escolhia os filmes, mas atualmente a parabólica está danificada (E16).
- falta recurso humano para acompanhar a programação TV Escola (E22).
- o horário não é favorável para acompanhar a programação (E27).
- não assiste aos programas, devido falta de transmissão – sinal ruim, não tem parabólica (E31).

Os depoimentos ressaltam as condições oferecidas nas escolas para o ensino, aprendizagem e formação: a falta de apoio técnico, recurso humano e material, sinal de transmissão da TV Escola (ruim), e o horário de exibição dos programas que não coincide com os horários das aulas. O Programa TV Escola, tem o caráter de TV Educativa, o que nos leva a refletir segundo o pensamento de Litwin, quando nos diz que há certa

a) dificuldade quanto a horário (por exemplo, a dificuldade de ajustar os horários das aulas das instituições educacionais aos horários da televisão), e b) dificuldades quanto aos ritmos de estudo e aprendizagem dos alunos que não se podem restringir ao cronograma de uma agenda de programação televisiva (dessa maneira se produzem invariavelmente defasagens entre o ritmo de trabalho em classe e a programação educativa) (LITWIN, 1997, p. 70).

A partir das considerações feitas pela autora, a programação da televisão é efêmera, enquanto que um acervo de vídeos/DVD atende ao tempo, horário, conteúdos que podem ser trabalhados em diferentes momentos, tendo sempre em vista, a aprendizagem significativa para os envolvidos no processo. Se na escola não tem um responsável para organizar o acervo, fica difícil para o professor acumular mais esta função, visto que no horário está em sala de aula com os alunos, somando a extensa carga de trabalho. Para ampliar o alcance, a socialização e democratização da TV Escola, toda sua programação passa a ser reproduzida em DVD e distribuída às



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

escolas. A mídia (DVD) diminui a dificuldade colocada por Litwin (1997) e também mencionada pelos professores.

O que parece evidente é que, nas escolas, os professores trabalham com vídeos / DVD, gravam documentários, mas não são necessariamente do Programa TV Escola. São locados, gravados em fontes diversas da TV comercial e vídeos/DVD comprados. Ainda não há um trabalho coletivo para construção de uma nova prática pedagógica com a presença das TIC em sala de aula. Não existe a autonomia e a parceria estabelecida como princípios do programa. Vejamos os depoimentos:

- independente da instituição, a coordenadora grava documentários em casa, sem qualquer relação com o programa TV Escola (E44).
- os professores tentam das várias maneiras trabalharem com as TIC em sala de aula, melhorando as possibilidades do ensino, da aprendizagem e da sua formação (E58).
- o programa é discutido, os professores acompanham a programação, mas, infelizmente, não há como acompanhar na escola (E17).

Várias são as possibilidades que encontram. Para eles, é importante e necessário que as escolas tenham esses aparatos, mesmo não acompanhando de forma assídua a Programação que é oferecida.

Há certa necessidade de formação para conhecer o acervo da TV/DVD Escola, além de gravar e das políticas públicas um repertório de instruções e técnicas de uso preciso e prático, no que se refere ao aspecto técnico e pedagógico para trabalhar com as tecnologias em sala de aula.

Com base nas condições que indicam as vantagens e desvantagens foi um momento de perceber as concepções dos sujeitos da pesquisa sobre a política pública e a presença das tecnologias na escola, uma vez que além dos problemas em relação a falta de apoio humano, financeiro e técnico, outras razões impedem a utilização



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

efetiva do programa TV Escola, resultando em pouca utilização na prática pedagógica e formação continuada de professores. A ausência de 'tempo' na carga horária para estudos na escola vêm caracterizando como 'peça' importante para formação e preparação dos trabalhos a serem realizados com os alunos em sala de aula. Bem como, a inexistência de atuação coletiva entre os docentes, direção e coordenação da escola com ações integradas no Projeto pedagógico das escolas. Parece que a falta dessa ação não favorece novas maneiras de aprender e ensinar, o que se caracteriza como a busca pela formação continuada dos professores, mesmo que de forma individualizada. Uma tarefa que não deve ser responsabilidade individual, do professor, mas da instituição/escola.

Nas **vantagens**, o Programa TV Escola é considerada como "recurso" complementar em sala de aula, enfatizando-o como um rico material pedagógico no processo educativo e formativo, apresentando conteúdos e conhecimentos e proporcionando momentos de formação para os professores. Segue alguns depoimentos:

- A TV Escola serve como apoio para aplicação de conteúdos. (E10)
- Trata-se de uma formação continuada para o docente, focando temas atuais numa diversidade cultural. (E11)
- Apresentam recursos enriquecedores e agregam a formação do professor. (E20)
- O programa é enriquecedor, contribui para a informação e formação na docência. (E27)
- Os conteúdos servem para desenvolver amplamente o trabalho do professor, por exemplo, a interdisciplinaridade. (E39)

Mesmo garantindo que há vantagens, foram reveladas algumas **desvantagens** que enfatizam a falta de acompanhamento, de apoio pedagógico e técnico, o sinal de transmissão não é bom, o desencontro entre os horários da programação, das aulas e dos conteúdos que estão sendo trabalhados.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- Ausência de acompanhamento contínuo por parte das políticas públicas. (E08)
- Falta de recursos humanos e materiais. (E12)
- Os horários não são apropriados. (E23)
- A ausência de coordenador para estimular a prática constante do docente. (E39)

Os vídeos/DVD ou programas de TV, de uma maneira geral, são mais uma forma de repensar, aprender, ensinar, refletir e contextualizar os conteúdos apresentados somando-se aos conteúdos propostos no livro didático. Os vídeos/DVD devem fazer parte dos trabalhos realizados como elemento carregado de conteúdo, como representante de uma nova forma de pensar, questionar e estabelecer relações entre vários outros textos (livros, jornais, revistas, outros vídeos/DVD etc.) (PRETTO, 1996). Assim, o contexto da sala de aula, o espaço das diversas linguagens – leitura, escrita, música, gestos etc. - não se restringe a passatempo ou divertimento, ainda que possa não haver clareza acerca da inscrição dos materiais e das atividades elaboradas na forma de projetos educativos (BARRETO, 2002) que estabelecem uma relação entre os conteúdos que vão ser estudados e a programação da TV Escola/DVD Escola e demais suportes das tecnologias.

Um depoimento chamou nossa atenção porque retratou uma situação que foi específica no estado da Bahia. - “Não houve continuidade do Projeto TV Escola, não há coordenador da DIREC e escolas. Ocorreu um grande investimento no início, porém atualmente está esquecido” (E10).

Tal depoimento reflete o momento em que estava em vigência a Portaria nº. 208/97 da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, que vigorou no período de 1997 a 2002, e criava a ‘função’ do coordenador de vídeo na escola. O (a) responsável tinha uma carga horária complementar de 09 horas/aulas com a tarefa de informar e disponibilizar aos professores as condições (gravar, selecionar, organizar os vídeos



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

etc.) e possibilidades para trabalhar com a programação da TV Escola e outros vídeos. Quando a portaria foi extinta em 2002, para algumas escolas o Programa TV Escola deixou de existir ou acabou com a falta desse coordenador. Coordenador este que na estrutura do programa não existe. A Secretaria de Educação do Estado da Bahia criou esta “função” como uma política estadual para a efetivação do trabalho com as tecnologias, mas no momento que extingue a portaria criou certa descontinuidade à política implementada pelo governo federal, visto que não garantiu a continuidade. Esta é uma tendência freqüente nas escolas (PINTO, 2002), isto é, termina os investimentos, termina o programa, o curso, como se tivesse um início e fim em si mesmo. Não apresenta a marca da continuidade e da sustentabilidade.

Na implantação do programa as instituições receberam o material como um recurso inovador, aliando os conteúdos às práticas educacionais, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem. Mas argumentam que o Programa se ‘perdeu’ como retratado nesse depoimento, por exemplo: “Apresentou bons resultados nos três anos iniciais, mas atualmente perdeu a essência.” (E03). Conforme anotações do Diário do Campo, encontramos em uma escola o DVD e suas mídias ainda na caixa ‘lacrada’. Como se vê, não há um diálogo no momento da elaboração das políticas, marcando assim a descontinuidade, a fragmentação e a desresponsabilização com a escola, com o aprender e ensinar e, certamente, com professores e alunos e com o ‘público’. Parece ser mais uma política de descontinuidade e fragmentação do processo educativo e formativo.

CONCLUSÕES

De maneira geral, é notória a importância do movimento tecnológico na escola, construindo uma oportunidade para discutir a formação de professores, a



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

prática pedagógica e a melhora da qualidade do ensino (Relatório TV Escola 1996-2002, 2002).

O programa foi idealizado dando autonomia (princípio do programa) e descentralização (princípio do programa) a escola, que ainda não compreende a autonomia como uma construção coletiva e cotidiana na perspectiva de aprendizagem e transformação social e educativa. Parece que ainda não é considerada como o local de formação de professores, não entende a formação como um “*continuum*”.

A implantação de políticas públicas por parte do governo, algumas vezes, atende a exigências advindas do mercado de trabalho no sentido macro, mas nas escolas chegam como pacotes que não têm o caráter de continuidade, dificultando assim a concretização dos objetivos educacionais, as necessidades e exigências de uma sociedade marcada pelas constantes descobertas tecnológicas. No campo profissional, o professor passa a ser o responsável pela sua formação, constituída a *la carte*, segundo um amplo *menu* oferecido pelo conjunto de políticas públicas. (BELLONI, 1999). Tais políticas, na sua maioria, passam uma idéia de que todas as oportunidades e condições estão sendo oferecidas da mesma maneira para todos, isto é, as escolas são equipadas e o governo cumpre a função de proporcionar as oportunidades formativas e educativas. Entretanto, parece que ainda não se configuram como políticas de alfabetização e inclusão digital e social para a formação, ensino e aprendizagem, visto que, nas escolas, não criaram condições para planejar um trabalho envolvendo professores, alunos, direção, coordenação e equipe técnica com a utilização das tecnologias numa perspectiva de construção, socialização e democratização de conhecimentos.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. Avanços no conhecimento etnográfico da escola. In: FAZENDA, Ivani. (org.). **Pesquisa em Educação e as transformações do conhecimento** Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.
- BAHIA, Portaria nº 208/97. Secretaria de Educação do Estado da Bahia.
- BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1999.
- BARRETO, R. G. **Formação de professores, tecnologias e linguagens**. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
- BRASIL, SEED. Relatório TV Escola 1996-2002. Secretaria de Educação a Distância /SEED, outubro/2002. Disponível em www.mec.gov.br. Acesso em 22 nov. 2003.
- Relatório de Atividades, 2001. Brasília, jan. 2002. Disponível em www.mec.gov.br/seed/relat/gestao.htm. Acesso em: 23 nov. 2005.
- KENSKI, V. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.
- _____. **Educação e Tecnologias**. O novo ritmo da informação. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.
- LITWIN, E. (org). **Tecnologia educacional**. Política, histórias e propostas. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- PINTO, A. de C. A experiência reflexiva na formação de professores. In: BELLONI, M. L. (org.). **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Ed. Loyola, 2002. P.169-188.
- PRETTO, N. de L. **Uma escola sem/ com futuro**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996. Revista TV Escola, 1996.
- SAMPAIO, M. N. **Alfabetização tecnológica do professor: a busca de um conceito**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Faculdade de educação. UFRJ. 1996.
- <http://www.mec.gov.br/>
- www.mec.gov.br.**
- [www.sec.ba.gov.br.](http://www.sec.ba.gov.br)